

Fialho de Almeida

de Sérgio Augusto Vieira

FIALHO nasceu em 1857, em Vila de Frades, concelho da Vidigueira, comarca de Cuba. Seu nome era José Valentim Fialho de Almeida. Morreu em 1911. Estudou num colégio de Lisboa. Tinha 9 anos de idade, quando se matriculou no Colégio Europeu.

Depois, em virtude dos poucos proventos da família foi obrigado a suportar as impertinências e grosserias dum boticário estúpido de Lisboa, em casa de quem esteve sete anos.

Em **A' Esquina**, diz Fialho de Almeida:

«Durante êsses sete anos de emplastros e de pilulas, ninguém pôde imaginar os tormentos que passei!

Davam-me três horas aos Domingos para oxigenar os pulmões, cansados de respirar fedentes de drogas e ervas pódres; a minha alimentação era uma berundanga, que sobrava do jantar da família do patrão, e que mal poderia comparar, como nutriência e aspecto, às mais asquerosas pastas que os soldados distribuem nos quartéis à pobralhada».

Os pais de Fialho de Almeida eram pobres e, por-isso, teve de ser praticante de farmácia. Mais tarde, porém, matriculou-se na Escola Politécnica de Lisboa, vivendo, então, durante muito tempo, de leccionações e artigos que publicava em modestos jornais.

Com muito custo, dificuldades de toda a natureza, conseguiu formar-se em medicina; mas, a arte de Esculápio não o fascinou e dedicou-se à vida literária, onde conseguiu destacar-se,

principalmente pela sua propaganda anti-monárquica.

Após o advento da República em 1910, principiou por flagelar, sem piedade, alguns políticos triunfantes, cuja psicologia ele conhecia perfeitamente, o que lhe valeu revoltas, ameaças e tentativas de perseguição pelos antigos correligionários.

Mais tarde, desalentado, aborrecido do mundo e dos homens e sentindo o seu punho menos forte, quebrantado pela vileza dos homens, refugiou-se na terra natal, onde morreu pouco tempo depois.

Cuba conheceu os primeiros fulgôres da meninice de Fialho e os últimos momentos da sua vida. Fialho foi um analista perspicaz. Muito novo, deu mostras de ser possuidor de uma imaginação viva e de uma língua forte, máscula, tocada de perfeição.

Em 1877, aos 20 anos de idade, deu a conhecer o seu **Funâmbulo de mármore**, ensaio que, mais tarde, incluiu no seu primeiro volume de contos. No ano seguinte, publicou um pequeno trabalho arromançado, intitulado **A Ruiva**.

Em 1881, publicou os **Doentios**, que dedicou a Camilo Castelo Branco. São estas as palavras da dedicatória:

«Peço-lhe que aceite a dedicatória deste livro medíocre, que pude elaborar no ócio de uma vida, cortada de trabalhos e dissabôres».

A seguir, no ano imediato, ofereceu ao público a **Cidade do Vício**.

Em 1889, iniciou a série de **Os Gatos**, obra que monumentaliza a sátira portuguesa, sendo o paradigma perfeito do panfleto, embora alguns críticos, entre eles, José Agostinho, considerem **Os Gatos** de Fialho de Almeida inferiores às **Farpas** de Ramalho Ortigão. Mas há a contar que José Agostinho chama a Fialho «mórbido e arbitrário», supondo descaminhar a sua análise no sentido objectivo, quando, afinal, a faz subjectivamente.

Os Gatos constituem uma série de cinquenta e quatro fascículos, que viram a luz durante o período que foi de 1889 a 1893.

Essa comprida série de fascí-

culos, ainda deixou tempo e alguma paz de espírito para Fialho escrever outras obras, pois foi durante êsse período que ele escreveu **Pasquinadas**, **Vida Irónica**, **No País das Uvas** e **Lisboa Galante**.

Em 1903, após leve repouso deste Midador formidando, apareceu **A' Esquina**.

Vêm daqui as reedições. A seguir àquela intensa vida de lucubração e tendo-se agravado a sua misantropia e aumentado o seu aborrecimento pelos homens, recolheu-se a Cuba, aí vivendo algum tempo, pouco, solitário, numa concentração forçada o que sempre aniquila os lutadores, cujo prolongamento da vida se deve à contínua labuta.

Fialho era desses cultores das letras que encontram as portas fechadas de muitos editores, jornais e revistas, dada a sua sensibilidade, originadora duma independência de linguagem que assusta e fere os ouvidos tímidos e, sobretudo, mercê da sátira, qualidades que não levam ao imediato triunfo e que só o tempo valoriza.

Como escritor, foi um temperamento de verdadeiro panfleto, combativo, atormentado e destro, incisivo nas suas críticas e análises, lançando bem, qual atleta, o dardo, sendo perspicaz, irreverente às vezes em virtude da sua agressividade, a ponto de ser insultuoso; mas o lutador de uma época dura, de rija tempera e peleja, tem de ser destro no manejo do seu cêsto. Fialho de Almeida foi o escritor da sua época e pode, muito bem, servir de paradigma aos novos de hoje.

AOS NOSSOS ASSINANTES

A todos os nossos assinantes que residam longe das localidades em que há correio pedimos o favor de enviarem em selos a importância das suas assinaturas.

Por razões alheias à nossa vontade ficou para o próximo número o artigo:

O AMIGO DO POVO

DE

CASTELO BRANCO CHAVES

SOL NASCENTE

